



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

UM NOVO OLHAR SOBRE AS GRAVURAS DE LABIRINTOS: O CASO DO CASTELINHO (TORRE DE MONCORVO, PORTUGAL)

Andreia Silva¹, Sofia Figueiredo-Persson², Elin Figueiredo³, Joana Valdez-Tullett⁴

RESUMO

No presente artigo pretende-se dar a conhecer as gravuras labirínticas da estação arqueológica do Castelinho, um sítio fortificado da Idade do Ferro, romanizado, localizado no Nordeste Transmontano (Portugal). Apresenta-se uma relação destes motivos gravados com os restantes congêneres conhecidos no Noroeste Peninsular, apontando alguns significados de cariz simbólico.

De forma genérica, as gravuras labirínticas do Castelinho, embora apresentem um aspeto algo tosco, procuram representar o labirinto clássico, estudado nos últimos dois séculos por diferentes investigadores a nível nacional e internacional. Tendo em conta o contexto arqueológico das gravuras, assim como as suas semelhanças morfológicas com outras composições peninsulares, a interpretação vai no sentido de estarmos perante um tipo de iconografia executada nos primórdios da ocupação romana do Noroeste peninsular, mas que parece ainda refletir crenças das comunidades proto-históricas.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Labirintos; Idade do Ferro; Romano.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present the engravings of labyrinths of the archaeological site of Castelinho, a Romanised fortified site of the Iron Age, located in the Northeast of the Trás-os-Montes regions (Portugal). The relationship of these motifs with other similar imagery in the northwest peninsula is presented, and some symbolic meanings are pointed out.

In general, the engravings of labyrinths of Castelinho, despite their somewhat crude appearance, attempt to represent the classical labyrinth that has been studied by various researchers at national and international level over the last two centuries. Taking into account the archaeological context of the engravings, as well as their morphological similarities with other compositions, the interpretation is that we are dealing with a type of iconography that was executed in the early days of the Roman occupation of the North-west of the Iberian Peninsula, but which seemingly reflects the beliefs of protohistoric communities.

Keywords: Rock Art; Labyrinths; Iron Age; Roman.

1. INTRODUÇÃO

O labirinto é um símbolo universal, com uma área de dispersão extensa, que se estende desde a Ásia até às Américas, passando pela Europa. Contudo, é

no velho continente europeu que este motivo surge representado com maior frequência, sendo possível definir várias áreas de concentração: Escandinávia, Inglaterra, Norte da Alemanha, Noroeste da Península Ibérica, Valcamónica (Itália) e, de uma forma

1. Iconictheory, Portugal; Departamento de História, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal / andrea.silva@iconictheory.net

2. Iconictheory, Portugal; CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa / sofia.persson@iconictheory.net

3. CENIMAT/I3N, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade NOVA de Lisboa, 2829-516 Caparica, Portugal / esf@fct.unl.pt

4. Universidade de Glasgow, Reino Unido / joana.valdez-tullett@gla.ac.uk

geral, a área do Mediterrâneo (Fernández Pintos, 2022, p. 132). As figuras labirínticas aqui abordadas integram-se na quarta área referida, mais precisamente no vale do Sabor, localizado na região de Trás-os-Montes, no Norte de Portugal. Concretamente, estas figuras fazem parte da coleção de arte móvel do sítio arqueológico do Castelinho (Torre de Moncorvo), um sítio fortificado da Idade do Ferro que foi romanizado a partir da segunda metade do século I a.C. Nesta estação arqueológica, escavada nos inícios da segunda década do presente século, foram exumados mais de meio milhar de suportes pétreos com diferentes tipos de gravuras. Entre essas figuras, foram identificadas três gravuras labirínticas incisas, distribuídas por quatro suportes móveis de xisto, designadamente as placas 16+17 e 120 e o bloco 283.

No presente trabalho, a abordagem às placas gravadas faz-se em cinco pontos: no primeiro ponto, apresenta-se uma evolução dos estudos sobre as gravuras labirínticas no Noroeste da Península Ibérica; no segundo ponto, as placas analisadas são integradas no contexto arqueológico e níveis estratigráficos do sítio do Castelinho; no terceiro ponto, é realizada a descrição formal das placas gravadas; no quarto ponto, estabelece-se uma breve relação entre os labirintos do Castelinho e as restantes formas labirínticas do Noroeste Peninsular. No último ponto, avançaremos, de forma sucinta, com alguns significados possíveis para este tipo de gravuras.

2. O ESTUDO DAS GRAVURAS LABIRÍNTICAS NO NOROESTE PENINSULAR

O carácter enigmático da figura labiríntica cedo despertou interesse entre estudiosos a nível internacional, sendo exemplo disso os grandes trabalhos monográficos que se desenvolveram sobre o tema a partir da década de vinte do século passado (Matthews, 1922; Kern, 2000; Kerényi, 2006; Saward, 2003). Esse deslumbramento também se deu entre os investigadores peninsulares, que começaram a publicar sobre o assunto na primeira metade do século passado e com maior incidência a partir da década de 1950. A partir dessa época, a par de referências pontuais em obras de síntese, foram redigidos vários artigos exclusivamente sobre a presença deste símbolo no contexto da arte rupestre do Noroeste peninsular.

Nos inícios do século XX, H. Obermaier (1921-22, 1923, 1925) em diferentes trabalhos sobre a pré-

-história, definiu dois grupos para a arte rupestre do Noroeste Peninsular, integrando os labirintos no seu grupo II (jüngere gruppe) de cronologia mais recente, anterior ao surgimento da designada “cultura celta”. Em 1933, R. Sobrino Buhigas, na sua obra *Corpus dos Petróglifos de Galicia*, faz distinção entre sinais labirínticos e labirintos, inserindo ambas as formas nas últimas fases da sua periodização tripartida. Este autor, além de ter defendido uma cronologia da Idade do Bronze para a maioria dos petróglifos galegos, relacionou estes motivos com cultos solares, considerando as rochas gravadas santuários (Sobrino Buhigas, 2020, p. 153). Em meados do século XX, F. Lopez Cuevillas (1951, p. 76) ao propor uma classificação para a arte rupestre do Noroeste Hispânico, insere os labirintos no seu grupo XI, onde também se encontram os círculos com as suas diferentes variantes. Para este investigador, o Noroeste Hispânico abrange não apenas a Galiza, mas também as Astúrias e a região de Trás-os-Montes, em Portugal.

Na segunda metade do século passado, surgem os primeiros trabalhos aprofundados sobre os labirintos do Noroeste Peninsular, entre os quais se incluem os trabalhos de R. Lorenzo-Ruza (1951, 1953 e 1956) que, baseando-se sobretudo na obra de K. Kerényi, redige três ensaios de carácter marcadamente difusionista, sobre labirintos na *Revista de Guimarães*. Nestes artigos, reconhece que os escassos labirintos do Noroeste Peninsular (nomeadamente os de Mogor), assim como alguns motivos circulares abertos patentes nesta zona, são fruto da influência da forma Tagliatella, originária do Mediterrâneo Oriental e formada a partir da evolução da espiral. Embora, como já vimos anteriormente, R. Sobrino Buhigas tenha feito referência a sinais labirínticos, é R. Lorenzo-Ruza quem de facto promove a ideia da presença de pseudolabirintos na panóplia de gravuras do Noroeste Peninsular (Fernández Pintos, 2020, p.274). Este autor também atribuiu uma cronologia da Idade do Bronze aos labirintos galegos, estreitando a sua periodização ao Bronze Inicial (entre 1700 e 1500 a.C.) Relativamente ao significado destas gravuras, associa-as a estruturas arquitetónicas, colocando a hipótese de corresponderem a plantas de castros.

Na sequência do primeiro artigo de R. Lorenzo-Ruza (1951), L. Monteagudo (1952) publica um artigo onde sistematiza os labirintos em 6 tipos, integrando o labirinto de Mogor no tipo 1 (*Con cruz cerca de la entrada*) e um de Briteiros, de três voltas, no tipo 4 (*Arriñonados*). Quanto ao significado e cronologia

destas formas, revela muitas dúvidas, não apresentado nenhuma hipótese concreta.

Acompanhando uma tendência internacional, a partir dos finais do século XX, devido sobretudo a novas descobertas feitas na Galiza (Grandío de Fraga & Rodríguez Casal, 1977-78; Álvarez Núñez e Velasco Souto, 1979), volta-se a verificar algum interesse pelo tema dos labirintos (Ibáñez Noguerón, 2010, p. 238). Nos finais da década de 1970 e inícios da seguinte, A. Peña Santos e J. Vázquez Varela fazem distinção entre os labirintos de tipo Cretense e os labirintóides, atribuindo uma cronologia de Finais da Idade do Bronze às primeiras formas e associando as segundas às combinações circulares e zoomorfas, de um período anterior aos labirintos canónicos (Peña Santos & Vázquez Varela, 1979, pp. 38-39; Peña Santos, 1981, 1982). Também na década de 1980, A. Baptista (1983-84, 1986) enquadra os labirintos e os proto-labirintos no seu Grupo I, que num primeiro momento data da Idade Bronze e, posteriormente, como tendo início no Calcolítico prolongando-se para o Ferro Inicial. Em 1989, J. Fernández Pintos, num estudo sobre os labirintos galegos, distingue também labirintos clássicos de pseudolabirintos, dividindo estes últimos em pseudolabirintos de tipo A, B e C (Fernández Pintos, 1989). A partir da década de 1990, A. Peña Santos, depois de realizar um novo trabalho de síntese sobre a arte rupestre do Noroeste da Península Ibérica (Peña Santos e Rey Garcia, 1993), altera a sua perspetiva sobre a periodização dos motivos labirínticos, recuando bastante a sua cronologia. Esta sua nova visão é bem patente num artigo sobre os labirintos cretenses que desenvolve em colaboração com F. Costas Goberna, no qual coloca estes motivos dentro da cronologia que defende para a restante arte rupestre do Noroeste Peninsular, entre o III Milénio e os inícios do II Milénio a.C. Reconhecendo contactos atlântico-mediterrânicos durante o período anteriormente referido, considera estas gravuras como as mais antigas do género conhecidas a nível mundial (Peña Santos & Costas Goberna, 2000, p. 287).

Nas últimas décadas, têm surgido alguns trabalhos interessantes que têm levantado questões sobre estes motivos, nomeadamente no que diz respeito às suas cronologias. Entre 2007 e 2013, M. Santos Estévez (2007, 2008, 2012; Güimil-Fariña & Santos-Estévez, 2013), devido sobretudo à relação destes motivos com as cenas de equitação e à presença destas gravuras em Valcamónica, baliza estas gravuras entre os Finais da Idade do Bronze e a Idade do Ferro,

integrando-as no seu terceiro grupo da Arte Atlântica. A partir de 2015, são publicados vários artigos no contexto do Pré-inventário do Serviço de Arqueologia da Direção Geral do Património Cultural da Junta da Galiza, onde se constata, além do aumento do número de gravuras labirínticas (para um total de 24), um alargamento da sua área de dispersão para o interior (Vázquez Martínez, 2015; Rodríguez Rellán, Vázquez Martínez & Fábregas Valcarce, 2018, p. 115). Por outro lado, nestes trabalhos, embora se admita uma proximidade entre os labirintos e os zoomorfos, continua-se a defender uma cronologia pré-histórica para estes motivos (Fábregas Valcarce, Vázquez Martínez & Rodríguez Rellán, 2022, p. 120). Em 2020, J. Fernández Pintos publica uma grande monografia sobre esta temática, onde desenvolve uma tipologia sobretudo para as formas labirintóides. Este autor distingue labirintos de pseudolabirintos, admitindo para estes últimos 4 subtipologias (de A a D), que englobam desde formas quase idênticas aos labirintos cretenses a formas inspiradas em círculos e espirais. Com base em novas descobertas, nomeadamente em Formigueiros (Galiza, Espanha), Castelinho (Trás-os-Montes, Portugal) e Maragatería (Leão, Espanha), considera ainda que alguns motivos labirínticos poderão estender-se, em termos cronológicos, até à 2ª Metade do 1º Milénio a.C (Fernández Pintos, 2020, pp. 285, 332). Muito recentemente, X. Pereira Martínez (2022, p. 630), num trabalho académico sobre a relação entre espaços de moagem e as gravuras pré-históricas, baseando-se sobretudo nas periodizações atribuídas por M. Santos Estévez à Arte Atlântica, propõe, igualmente, uma cronologia do I Milénio a.C. para os labirintos, constatando uma relação muito estreita entre estas gravuras e os quadrúpedes.

Resumindo, inicialmente a periodização dos labirintos acompanhou as hipóteses colocadas para os restantes motivos do Noroeste Peninsular, divergindo entre uma fação que defendia uma cronologia da Idade do Bronze e outra que a recuava para o Neolítico. Nos últimos anos, devido a novos achados registados sobretudo em contextos de escavação, a cronologia destes motivos tem avanço gradualmente para períodos sidéricos.

3. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DOS SUPORTES GRAVADOS

Os labirintos analisados neste trabalho foram iden-

tificados no sítio do Castelinho, localizado no concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança (Figura 1).

O Castelinho implantava-se na zona mais elevada de um pequeno esporão (212,50m), localizado na margem direita do rio Sabor e muito próximo da antiga aldeia de Cilhades. Atualmente, o sítio encontra-se submergido pelas águas da Barragem do Baixo Sabor. O Castelinho foi intervencionado entre 2011 e 2013, no âmbito da construção da Barragem do Baixo Sabor. No decorrer da escavação arqueológica, o sítio foi interpretado como um local fortificado e romanizado de pequenas dimensões, cuja verdadeira funcionalidade, durante a Idade do Ferro, não foi possível apurar (Santos, 2014, p. 934). Contudo, durante a intervenção, foram registadas 6 fases, reportando-se apenas 4 a momentos de ocupação humana do espaço, datados entre o século III/1º quartel do século II a.C. e finais do século I/inícios do século II d.C. (Santos, 2015, pp. 273-274) (Figura 2). A primeira fase (fase I) seria constituída por níveis anteriores à construção da muralha, que não foi possível datar devido à escassez de materiais exumados e à reduzida área escavada. A fase seguinte (fase II) correspondeu ao período de construção da muralha (séc. III-1º quartel do séc. II a.C.), composta por três entradas (a Sudeste, Este e Oeste). Numa terceira fase (fase III), assistiu-se a uma primeira reformulação da estrutura muralhada, construindo-se um torreão na zona Norte da muralha, condenando-se as entradas Este e Oeste e reformulando-se os corredores de circulação internos. Na quarta fase (fase IV), num período imediatamente anterior à chegada dos romanos (2ª metade do séc. I a.C.), acontece uma verdadeira monumentalização do espaço, erguendo-se vários torreões na plataforma Norte e na porta Sudeste e Sudoeste, sendo a muralha reforçada com uma parede escalonada a Norte e abrindo-se a entrada rampada Sudoeste e o Fosso II na plataforma Norte, naturalmente menos protegida. Na quinta fase (fase V) (finais do séc. I a.C. – inícios do séc. II d.C.), que corresponde ao momento de ocupação romana, verificou-se uma colmatação das estruturas sidéricas e a regularização deste espaço, de forma a transformá-lo num local de depósito de cereais. A última fase (fase VI) diz respeito ao abandono definitivo do sítio e à sua progressiva transformação em espaço agrícola (Santos, 2014; Silva, 2020, p. 37).

A arte rupestre móvel do Castelinho foi encontrada sobretudo nas estruturas (muralha, torreão, lajeados,

entradas, celeiros, fossos) e nos níveis sedimentares das fases III, IV e V, tendo-se exumado apenas alguns exemplares em camadas recentes (da fase VI).

À exceção da placa 16+17, proveniente de uma escombreira recente (Escombreira 2), as restantes peças analisadas foram sinalizadas em níveis de ocupação/abandono da fase V (Figura 3). Neste sentido, a placa 120 foi identificada na plataforma Norte do Castelinho no interior do Fosso II, numa unidade estratigráfica que colmatou esta estrutura no período de ocupação romana. O bloco 283, proveniente duma área oposta do perímetro muralhado do Castelinho, junto à entrada Sudeste, foi exumado num nível de regularização do espaço fortificado sobre o qual se ergueram vários silos romanos.

Resumindo, e de acordo com a análise dos contextos dos achados, estamos perante elementos de arte móvel provenientes de níveis de ocupação contemporâneos, que refletem os primeiros contactos entre as comunidades proto-históricas e o mundo romano.

4. OS SUPORTES, AS FIGURAÇÕES E A TECNOLOGIA DE GRAVAÇÃO

A intervenção realizada no sítio do Castelinho, além de ter posto a descoberto um conjunto interessante de estruturas fortificadas, foi particularmente frutífera em arte rupestre móvel, tendo-se registado uma extraordinária coleção de gravuras sidéricas. Entre essas gravuras, que ascendem a quase um milhar e meio de figuras incisas e picotadas, contabilizaram-se 3 figuras labirínticas distribuídas por 3 suportes pétreos de xisto (um deles fragmentado em 2 pedaços). Apesar de algumas diferenças iconográficas entre as várias gravuras labirínticas, no geral é possível identificar aspetos comuns. Todas as gravuras foram realizadas sobre superfícies pétreas rugosas e sem tratamento prévio. Por outro lado, devido ao estado das superfícies gravadas ou ao tipo de rocha selecionada, o processo de gravação deu origem a figuras de aspeto algo irregular e assimétrico. De seguida apresentam-se em detalhe cada uma das peças.

4.1. Placa 16+17

O suporte pétreo 16+17 (Figura 4 e 5) corresponde a dois fragmentos pétreos de morfologia distinta (um triangular e outro irregular), que unidos formam a mesma placa gravada. Esta peça, de dimensões medianas (19,8 cm × 22,9 cm × 2 cm), apresenta uma superfície gravada de cor avermelhada, em estado

bruto. Apesar de fragmentada, é bem visível uma boa parte de um labirinto circular de 7 voltas e unidirecional, que ocupa quase a totalidade da superfície gravada, com 13 cm de diâmetro. Devido às características da rocha (rugosa), as linhas que formam o labirinto revelam-se angulosas e intermitentes e o espaçamento entre elas assimétrico. No centro da gravura é possível reconhecer o embrião do labirinto, designadamente a cruz central, e três dos quatro L's necessários para a sua elaboração. A entrada para o labirinto é feita pelo seu lado esquerdo, enquanto que o seu ponto central se encontra posicionado no lado oposto.

Relativamente à técnica de gravação, na placa 16+17 recorreu-se à incisão fina e pouco profunda, exceção verificada para o traço vertical da cruz central que apresenta um sulco ligeiramente mais largo. A morfologia desta linha pode ter sido provocada pela posição do instrumento de gravação (ligeiramente deitado), mas também pode ser o resultado de mais do que uma passagem deste objeto com objetivo de reafirmar essa linha central, que é o habitual ponto de partida para a elaboração dos labirintos. Considerando a segunda hipótese, e tendo igualmente em conta a forma de ligação entre algumas linhas e a cruz central com remate superior em gancho (5ª e 6ª linhas), pode-se afirmar que se está perante um autor perfeitamente conhecedor da técnica clássica de execução dos labirintos.

4.2. Placa 120

A placa 120 (Figura 6 e 7), de formato tendencialmente quadrangular, apresenta dimensões ligeiramente superiores (34 cm × 32 cm × 4 cm) à anterior. A sua superfície gravada também se encontra em estado bruto, revelando alguns raros riscos avulsos provocados provavelmente pelo uso ou manuseamento. Por outro lado, a coloração do painel é sobretudo acinzentada, embora se verifiquem algumas manchas avermelhadas.

Na zona central da superfície, encontra-se gravado, sobre um reticulado (31 cm × 31 cm), um motivo espiralado com cerca de 23,5 cm de diâmetro, que parece tratar-se de um esboço de um labirinto de 7 voltas. Tendo em conta a morfologia da figura, esta gravura pode ser incluída nos designados labirintóides (Peña Santos & Vázquez Varela, 1979, p. 38), nas figuras proto-labirínticas (Baptista, 1983-84, p. 73) ou nos pseudolabirintos (Pintos Fernández, 2020).

A configuração das linhas do pseudolabirinto apro-

xima-se das do labirinto da placa anterior, revelando igualmente traços descontínuos, com um espaçamento dispare entre eles. Contudo, não se consegue identificar a cruz central nesta gravura, típica dos labirintos clássicos. Embora com algumas dúvidas, a entrada parece localizar-se no lado direito da figura. Já o centro, devido à presença de vários pequenos traços, é impossível de distinguir com clareza. O aspeto disforme desta gravura, pode levar a considerar estar-se perante um autor menos familiarizado com a técnica de elaboração dos labirintos clássicos, a partir de uma cruz central. Outra alternativa poderá ser a de se estar perante um aprendiz, cujas tentativas e experiências produzem formas incompletas ou de menor rigor.

Quanto à metodologia de gravação, o pseudolabirinto foi realizado através da incisão muito fina. A espessura muito reduzida das linhas, assim como a presença de outras gravuras, tornam, por conseguinte, a figura quase impercetível.

4.3. Bloco 283

A última peça, a 283 (Figura 8 e 9), pelas suas dimensões (40 cm × 16 cm × 9 cm), nomeadamente da espessura (9 cm), integra a categoria dos blocos gravados. Tal como a primeira placa deste estudo, também apresenta uma superfície gravada de tom avermelhado, com um aspeto irregular e fissuras naturais da rocha.

Apesar da fragmentação da peça, é possível identificar numa das extremidades do bloco subretangular um labirinto de 8 voltas, unicursal, com cerca de 13,5 cm de diâmetro. Embora esta figura não revele um aspeto tão cuidado como o da placa 16+17, nota-se a tentativa de definição da cruz central, assim como de alguns L's laterais, o que nos leva a considerar estar perante um protótipo muito próximo do modelo do labirinto clássico. Contudo, ao contrário do primeiro exemplar, este labirinto apresenta a entrada à direta e o seu centro, como habitual, no lado oposto. A técnica de gravação consistiu, igualmente, na incisão fina, sendo que a olho nu, os traços são quase impercetíveis.

5. AS GRAVURAS LABIRÍNTICAS DO CASTELINHO NO CONTEXTO DO NOROESTE PENINSULAR

As formas labirínticas do Castelinho, embora revelem alguma irregularidade formal, sugerem repre-

sentar o labirinto clássico circular, também denominado de cretense ou canónico (Pinto Fernández, 2020, p. 15), formado a partir de uma cruz central, de quatro cantos em L e de quatro pontos laterais (Pinto, 2015, p. 42). De dispersão universal, esta forma labiríntica, ainda que com algumas variáveis, revela uma concentração expressiva no Noroeste Peninsular, conhecendo-se três dezenas de exemplares associados tanto a conjuntos de arte parietal, como de arte rupestre móvel.

No contexto da arte rupestre do Noroeste Peninsular, os labirintos que apresentam maiores afinidades, tanto morfológicas, como tecnológicas, com os do Castelhinho são sem dúvida os identificados no povoado de Formigueiros (Lugo, Espanha). Neste sítio fortificado foram detetados quatro labirintos, gravados através da técnica da incisão, em quatro placas de xisto. Três dessas placas foram encontradas *in situ*, integrando um lajeado e um banco corrido de uma pequena praça localizada dentro de um núcleo habitacional. Contiguas a um compartimento que parece ter funcionado como cozinha, a estas estruturas foi atribuída uma cronologia estreita, dos inícios do séc. I d. C. (Meijide Camaselle, 2012, p. 7). Por outro lado, tal como no Castelhinho, a maioria dos labirintos registados em Formigueiros também são de 7 voltas, tendo-se identificado apenas um labirinto com 11 circuitos. Esta figura, identificada numa pequena placa solta e fragmentada, é aquela que apresenta uma morfologia mais cuidada, pois as restantes parecem corresponder a esboços ou a tentativas de realização de labirintos clássicos.

Ainda que representados sobre suportes distintos, no interior do Noroeste peninsular, numa área geográfica relativamente próxima do Castelhinho, também se conhecem mais três sítios arqueológicos com representações labirínticas. Nestes, inclui-se o Castro de Yecla de Yeltes (Salamanca, Espanha), onde num afloramento granítico (rocha 8), próximo da muralha, foram registados 3 labirintóides com fosses centrais (Martín Valls, 1983, p. 220), assim como os sítios de Peñafadiel 1 e Peñafadiel 2 (Maragatería, Espanha), onde foram contabilizados seis labirintos com diferentes circuitos (4, 7, 9 e 10 voltas), associados e sobrepostos por covinhas (Campos, 2011). De referir que estas últimas gravuras, embora atribuídas a um período entre o final do Neolítico e o início do Calcolítico (Campos, 2011, p. 27), devido às suas semelhanças com as gravuras da faixa atlântica, situam-se não só nas proximidades do Cerro de

Sanmamé, onde se ergue um possível povoado da Idade do Ferro, mas também numa zona que sofreu uma intensa exploração aurífera em época romana (Martínez Viñas, 2016-2017, p. 18).

Não obstante o distanciamento geográfico, tecnológico e cronológico, entre as gravuras do Castelhinho e as do litoral Noroeste podemos, igualmente, estabelecer alguns paralelos interessantes. Os ângulos rectos da segunda linha do labirinto da placa 16+17 encontram correspondência morfológica, por exemplo, nos labirintos da Pedra dos Câmpinos (Mogor, Espanha), na Pedra do Outeiro do Cribo (Armenteira, Espanha), e no nº1 do painel 1 da Chan da Lagoa (Campo Lameiro, Espanha) (Pintos Fernández, 2020). Em contrapartida, esta característica tipológica também surge representada no labirinto circular do mosaico da Casa de Cantaber em Conímbriga (Soreto, 2003, p. 37), de época Romana. Interpretado como um símbolo apotrópico, situado junto à entrada de um compartimento, esta imagem foi balizada entre o século II e III d. C. (Lunden, 1998, p. 38).

No que concerne à relação dos labirintos com outras gravuras, também na faixa atlântica podemos encontrar algumas correspondências. Como referimos anteriormente, o labirinto da placa 120, que designamos de pseudolabirinto, sobretudo devido ao seu aspeto disforme, encontra-se gravado sobre um grande reticulado. Embora na costa atlântica os labirintos surjam sobretudo associados a quadrúpedes (Pereira Martínez, 2022, p. 629), conhece-se um exemplar que se relaciona com uma gravura reticulada. É o caso do pseudolabirinto de Monte das Bouças (Monção, Portugal) onde, ao contrário do que acontece no exemplar do Castelhinho, é o reticulado que se sobrepõe a parte da figura labiríntica (Pintos Fernández, 2020, p. 54). Para sul, numa área ligeiramente mais distante do litoral atlântico (50 km em linha reta), conhece-se uma outra estação com gravuras labirínticas associadas a um reticulado. Trata-se do sítio da Pedra da Cobra da Moira (Viseu, Portugal), onde foram identificados dois grandes pseudolabirintos, encontrando-se um deles justaposto a um reticulado fechado (Soreto, 2008, p. 27). Situada junto a um dos troços da estrada romana que liga Viseu a S. Pedro do Sul, esta estação de arte rupestre foi inicialmente datada da Idade do Ferro (Silva, 1980, pp. 155, 169). Embora a relação entre os labirintos do Castelhinho e de Formigueiros seja aparentemente óbvia, não devem ser descoradas as semelhanças morfológicas entre estas primeiras formas e as gravuras labirín-

ticas do Noroeste peninsular. Seguindo a linha de pensamento de alguns investigadores que têm tratado esta temática nos últimos tempos (Pereira Martínez, 2022; Santos Estévez, 2008; Pintos Fernández, 2020, p. 340; Royo Guillén & Campos Gómez, 2015, p. 140), parece viável colocar a hipótese de estarmos perante formas integradas no mesmo período cronológico, ou seja, da 2ª Metade do 1º Milénio a.C.

6. O POSSÍVEL SIGNIFICADO DOS LABIRINTOS DO CASTELINHO

Nos diferentes estudos desenvolvidos sobre as gravuras labirínticas do Noroeste Peninsular, estas composições iconográficas têm assumido vários significados, surgindo relacionadas com estruturas arquitetónicas (Kerényi, 1950, p. 74; Lorenzo-Ruza, 1951, p. 390), com espaços sagrados (Peña Santos & Vázquez Varela, 1979, p. 39) e outras vezes sendo encaradas como metáforas da vida ou da morte (Pintos Fernández, 2020, p. 340; Pinto, 2015, p. 33). Uma vez que estas representações foram executadas por comunidades sem escrita decifrável, a atribuição de um significado aos labirintos do Castelhinho torna-se difícil. Contudo, tendo em conta sobretudo a análise dos contextos escavados e a relação com outras figuras do género, algumas hipóteses interpretativas podem ser lançadas.

O estudo académico realizado recentemente dos contextos da arte móvel do Castelhinho (Silva, 2020) permitiu relacionar estes achados com símbolos apotropaicos ou sacralizadores do espaço fortificado. Tal resultado baseou-se não só na presença, no Castelhinho, de vestígios relacionados com este tipo de crenças, como as cabeças pétreas (Santos e Ladra, 2011) e os depósitos rituais (Santos, 2015, p. 275; Alfayé Villa & Rodríguez-Corral, 2009), mas também com a identificação de duas placas com gravuras em posição zenital (Silva & Figueiredo, 2018) e de duas inscrições romanas dedicadas a divindades indígenas tutelares (Prósper & Redentor, 2007; Pereira *et al.*, 2012). Por outro lado, também se constituiu como argumento a presença de placas gravadas nas estruturas defensivas e nas entradas da muralha que, devido ao seu carácter frágil e delimitador entre o mundo conhecido ou humanizado e o mundo desconhecido ou selvagem, deviam ser simbolicamente protegidas (Silva, 2020, p. 87). Tendo os labirintos do Castelhinho, nomeadamente os da placa 120 e do bloco 283, sido identificados em níveis as-

sociados a estruturas defensivas, pode-se sugerir que estas gravuras tivessem assumido a mesma funcionalidade protetora.

O significado apotrópico dos labirintos também é possível verificar noutras representações labirínticas conhecidas na Península Ibérica. Embora de uma cronologia posterior (séc. II-III d.C.), o labirinto circular da Casa de Cantaber, em Conímbriga, foi interpretado como um símbolo protetor, devido ao facto de estar implantado junto a uma entrada e associado à representação de um tridente (Lunden, 1998). Em Ejea de los Caballeros (Saragoça, Espanha), foi identificado, na parede interior de um fragmento de cerâmica de um grande vaso de armazenamento pré-romano (séc. III-I a.C.), um pequeno labirinto clássico grafitado (Bienes Calvo & Marín Jarauta, 2013, p. 35). Ainda que os responsáveis por este achado tenham descartado a hipótese de se tratar de um símbolo apotropaico, consideramos que esta gravura sobre cerâmica possa ter assumido a mesma funcionalidade protetora que se reconhece, por exemplo, para as representações de dois lobos zenitais num vaso de armazenamento de cereais de Las Eras de San Blas (Burgos, Espanha) e para as figuras estampilhadas das jarras e púcaros de Palença (Castela e Leão, Espanha) usados como utensílios de armazenamento de líquidos ou grão (Abarquero Moras, 2006-07).

Apesar dos labirintos do Castelhinho parecerem retratar crenças próprias das comunidades Proto-históricas, não podemos descartar a hipótese destes se tratarem de uma tentativa de reprodução de um novo símbolo trazido pelos romanos. Apesar do confuso debate cronológico desenvolvido em volta das gravuras do Castelhinho (Santos *et al.*, 2015: 213; Neves & Figueiredo, 2015, p. 1596; Silva, 2020, p.86), a verdade é que os achados aqui tratados, à semelhança do que acontece em Formigueiros (Lugo, Espanha) e em Ejea de Los Caballeros (Saragoça, Espanha), foram exumados em níveis arqueológicos associados aos primeiros contactos com o mundo romano na Península Ibérica, cuja conquista se deu de forma faseada entre o séc. III e I a.C. e na fachada atlântica de sul para norte.

7. CONCLUSÃO

A análise morfológica da iconografia labiríntica do Castelhinho permitiu-nos distinguir dois tipos de labirintos: duas formas que apresentam uma morfologia próxima das formas clássicas (placa 16+17 e bloco

283), revelando características próprias da execução deste tipo de figuras, como a cruz central e os L's laterais, e uma que parece tratar-se de um esboço das anteriores (placa 120). Embora estas figuras se aproximem tipologicamente das formas labirínticas clássicas, designadamente do labirinto de tipo cretense, composto por 7 circuitos, não podemos deixar de alertar para o aspeto algo tosco de algumas das suas linhas e gravuras. Podendo esta característica morfológica, em parte, ser fruto das particularidades geológicas das superfícies gravadas, de xisto irregular e sem tratamento prévio, não é de todo descabido ponderar estarmos perante gravuras executadas por indivíduos que, apesar de conhecedores, estivessem pouco familiarizados com o labirinto clássico. A considerarmos esta hipótese, aliada ao facto de as peças gravadas terem sido exumadas em níveis arqueológicos datados dos primeiros momentos de convivência com o mundo romano, podemos estar perante uma forma introduzida já pelo povo invasor, mas que rapidamente foi assimilada pelas populações indígenas por ir de encontro aos seus rituais e às suas crenças simbólicas.

As formas labirínticas do Castelinho parecem refletir a iconografia labiríntica típica da arte parietal do Noroeste peninsular, composta por raras formas puramente clássicas e por um número bastante elevado de pseudolabirintos (Pintos Fernández, 2020, p. 105). Por este motivo, e atendendo a que as gravuras labirínticas no Noroeste peninsular representam menos de um por cento do total das gravuras identificadas (Rodríguez Rellán, Vázquez Martínez & Fábregas Valcarce, 2018, p. 114), colocamos a hipótese destas gravuras terem uma cronologia muito aproximada à dos labirintos do Castelinho, datadas entre os finais da Idade do Ferro e os inícios da Romanização.

AGRADECIMENTOS

A primeira autora agradece à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) pelo financiamento do projeto de doutoramento, com a referência 2022.12606.BDANA. Este trabalho contou ainda com o apoio do CHAM (NOVA FCSH-UAc), através do projeto estratégico financiado pela FCT e do CENIMAT/i3N, através do projeto estratégico UIDB/50025/2020-2023. Não podemos, ainda, deixar de dirigir uma palavra de gratidão a todos os colegas que participaram no estudo da arte rupestre do vale do Sabor, no âmbito do projeto da Barragem do Baixo Sabor.

BIBLIOGRAFIA

ABARQUERO MORAS, Francisco (2006-07) – Simbolismo cenital en el mundo vacceo a propósito de un recipiente de cerámica de las eras de San Blas (Roa, Burgos). *BSAA Arqueologia*. Valladolid. LXXII-LXXIII, pp. 183-209.

ALFAYÉ VILLA, Silvia; RODRÍGUEZ-CORRAL, Javier (2009) – Espacios liminales y prácticas rituales en el noroeste peninsular. *Paleohispanica*. Zaragoza. 9, pp. 107-111.

ÁLVAREZ NÚÑEZ, Antonio; VELASCO SOUTO, Carlos (1979) – Nuevas insculturas en Campo Lameiro. *Gallaecia*. Santiago de Compostela. 5, pp. 17-61.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge David (2012) – Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do vale do Côa. In SANCHES, Maria de Jesus, ed. – *Iª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 185-206.

BAPTISTA, António Martinho (1983-1984) – Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portvgalia*. Porto. Vol. IV/V, pp. 71-86.

BAPTISTA, António Martinho (1986) – Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção. In ALARCÃO, Jorge, Dir. – *História de Arte em Portugal: Do Paleolítico à arte visigótica*. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 31-55.

BIENES CALVO, Juan José; MARÍN JARAUTA, Carmen (2013) – *El origen del poblamiento en Ejea de Los Caballeros: Últimas Investigaciones*. Ejea de Los Caballeros: Centro de Estudios de las Cinco Villas.

CAMPOS, Juan Carlos (2011) – *Petroglifos en Maragatería: El enigma de los labirintos del Teleno*. Teleno: Celarayn.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Alia; RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos (2022) – El arte postpaleolítico de Galicia: nuevas realidades y perspectivas. In GORDÓN BAEZA, Juan José, Ed. – *Actas del I Encuentro Nacional de Arte Rupestre: Investigación, conservación, gestión y difusión*. Jalance: Ministerio de Cultura y Deporte, pp. 119-129.

GRANDÍO DE FRAGA, Eduardo; RODRÍGUEZ CASAL, Antón (1977-78) – Os petroglifos do Outeiro do Cribo na Armenteira (Pontevedra): Novos datos pro estudio dos motivos labirínticos en Galicia. *Gallaecia*. Santiago de Compostela. 3-4, pp. 267-273.

GÜIMIL-FARIÑA, Alejandro; SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel (2013) – Territorialidad en la Edad del Bronce del noroeste de la Península Ibérica. *Revista d' Arqueologia de Ponent*. Lleida. 23, pp. 9-26.

IBÁÑEZ NOGUERÓN, Cosme (2010) – *Aproximación al labirinto: Una panorámica*. Granada: Universidade de Granada (Tese Doutoramento).

KERÉNYI, Karl (2006) – *En el labirinto*. Bolonha: Ediciones Siruela.

- KERN, Hermann (2000) – *Through the Labyrinth: Designs and Meanings over 5,000 Years*. London: Prestel.
- LOPEZ CUEVILLAS, Florentino (1951) – La clasificación tipológica del arte rupestre del noroeste Hispánico y una hipótesis sobre la cronología de alguno de sus tipos. *Zephyrus*. Salamanca. II, pp. 73-81.
- LORENZO-RUZA, Ramón Sobrino (1951) – Petróglifos e labirintos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 61 (3-4) Jul.-Dez., pp. 378-393.
- LORENZO-RUZA, Ramón Sobrino (1953) – Los Motivos de laberintos e su influencia en los petroglifos gallego-atlánticos. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 63 (1-2) Jan.-Jun., pp. 56-82.
- LORENZO-RUZA, Ramón Sobrino (1956) – Ensayo de datación de los laberintos grabados europeos tipo Tagliatella. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 66 (3-4) Jul.-Dez., pp. 426-444.
- LUNDEN, Staffan (1998) – The Labyrinth in the Mediterranean: part III. *Caerdroia*. Essex. 29, pp. 38-42.
- MARTÍNEZ VIÑAS, Rubén (2016-17) – *Los Petroglifos de La Maragatería*. Trabalho de Investigação.
- MARTÍN VALLS, Ricardo (1983) – Las insculturas del castro salamantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos. *Zephyrus*. Salamanca. XXXVI, pp. 217-231.
- MATTHEWS, William-Henri (1922) – *Mazes and Labyrinths: a general account of their history and developments*. London: Longmans, Green and Co.
- MEIJIDE CAMASELLE, Gonzalo (2012) – The Labyrinths of Formigueiros, Northwest Spain, *Caerdroia*. Essex. 41, pp. 4-8.
- MONTEAGUDO, Luis (1952) – Sistematización de los laberintos Prehistóricos. *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago. VII, pp. 301-306.
- NEVES, Dario; FIGUEIREDO, Sofia (2015) – Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelhinho (Nordeste de Portugal): temas figurados e padrões de distribuição. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. – *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. Tomar: Instituto Terra e Memória (ARKEOS; 37), pp. 1589-1605.
- OBERMAIER, Hugo (1921-22) – Palaeolithikum und steinzeitliche Felskunst in Spanien. *Prähistorische Zeitschrift*. Berlin. Tomos XIII e XIV, pp. 177-199.
- OBERMAIER, Hugo (1923) – Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense* (Separata). Orense, vol. II, pp. 148-149.
- OBERMAIER, Hugo (1925) – Die bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien). *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*. Berlin. Vol. I, pp. 51-59.
- PEÑA SANTOS, Antonio de la (1981) – El tema del laberinto en el Arte Rupetre Gallego. *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*. Brèscia. nº. XVIII, pp. 65-74.
- PEÑA SANTOS, Antonio de la (1982) – Los motivos de laberintos tipo Mogor en el ámbito de los grabados rupestres gallegos. *Pontevedra*. Pontevedra. 1-2, pp. 39-51.
- PEÑA SANTOS, Antonio de la; COSTAS GOBERNA, Fernando Javier (2000) – Los laberintos de tipo cretense en los grabados rupestres galaicos. *Boletín del Instituto de Estudios Vigueiros*. Vigo. 6, pp. 283-306.
- PEÑA SANTOS, Antonio de la; REY GARCÍA, José Manuel (1993) – El espacio de la representación: El arte rupestre galaico desde una perspectiva territorial. *Revista de Estudos Provinciais*. Pontevedra. 10, pp. 12-50.
- PEÑA SANTOS, Antonio de la; VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (1979) – *Los petroglifos gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia*. Coruña: Edición do Castro.
- PEREIRA MARTÍNEZ, Xurxo (2022) – *Espazos de moenda e de representación na prehistoria recente e protohistoria do Miño Litoral (noroeste ibérico)*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Tese Doutoramento).
- PEREIRA, Sérgio; FEIO, Jorge; SANTOS, Filipe; PINTO, Jorge; ROCHA, Fábio; PINHEIRO, Eulália (2012) – Ara votiva a Tutela, Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo). *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de Conimbriga). Coimbra: Universidade de Coimbra. 99, Inscrição 446.
- PINTO, Luís Filipe Marques (2015) – A simbologia e os enigmas do labirinto. *Revista Arquitectura Lusitana*. Lisboa. 8 (2.º semestre), pp. 29-48.
- PINTOS FERNÁNDEZ, Julio (1989) – Las representaciones de carácter laberíntico del Arte Rupestre Gallego. *Grupo de Estudios Arqueológicos*. Porto. 19, pp. 1116-123.
- PINTOS FERNÁNDEZ, Julio (2020) – *Laberintos y figuras afines en el Arte Rupestre Gallego*. Edición en línea.
- PRÓSPER, Blanca María; REDENTOR, Armando (2007) – Denso, uma divindade lusitana revisitada. *Conimbriga*. Coimbra. XLVI, pp. 251-265.
- RODRÍGUEZ RELLÁN, Carlos; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Alia; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2018) – Cifras e imágenes: una aproximación cuantitativa a los petroglifos gallegos. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 75, 1, pp. 109-127.
- ROYO GUILLÉN, José Ignacio; CAMPOS GOMÉZ, Juan Carlos (2015) – Un nuevo conjunto de grabados al aire libre de cronología proto-histórica e histórica en el entorno del “Castro Colorado” (Cuevas, Astorga, León). *Quaderns de Prehistòria I Arqueologia de Castelló*. Castelló de la Plana. vol. 33, pp. 129-153.
- SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2007) – Petroglifos y paisaje social en la prehistoria reciente del noroeste de la península

- Ibérica. In *TAPA: Trabalhos de Arqueologia e Património*. Santiago de Compostela: Laboratorio de Arqueoloxía do Instituto de Estudos Galegos Padre Sarmiento. 38.
- SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2008) – Some notes about the social space and its influence in the design of the labyrinth figure. *Man in India: Special Issue on Rock Art World Main Problems*. Nueva Delhi. vol. 88, 2-3, pp. 357-366.
- SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2012) – Unha visión diacrónica da arte atlántica dentro dun novo marco cronolóxico. In SANCHES, Maria de Jesus, ed. – *Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologías de registo"*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 219-238.
- SANTOS, Filipe João Carvalho (2015) – Architecturas da II Idade do Ferro, A evolução do sistema defensivo do Sítio Fortificado do Castelinho (Cilhades, Felgar, Portugal). In RODRÍGUES MONTEIRUBIO, Óscar; PORTILLA CASADO, Raquel; SASTRE BLANCO, José Carlos; FUENTES MELGAR, Patricia eds. – *Fotificaciones en la Edad del Hierro: Control de los recursos y el territorio*. Zamora: Glyphos, pp. 242-276.
- SANTOS, Filipe João Carvalho; LADRA, Lois (2011) – A cabeça Antropomorfa do Castelinho: um novo elemento da plástica antiga em Trás-os-Montes. In *Actas do III Congresso Internacional sobre Cultura Celta: Os celtas da Europa Atlântica*. Narón: Pazo da Cultura, pp. 513-536.
- SANTOS, Filipe; SASTRE, José; FIGUEIREDO, Sofia Soares; ROCHA, Fábio; PINHEIRO, Eulália; DIAS, Rodrigo (2012) – El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal): Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro. *Complutum*. Madrid. 23(1), pp. 165-179.
- SAWARD, Jef (2003) – *Labyrinths & mazes: The Definitive Guide to Ancient & Modern Traditions*. Londres: Lark Books.
- SILVA, Andreia (2020) – *Representações antropomórficas na arte móvel da Proto-história do vale do Sabor (Trás-os-Montes Oriental)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- SILVA, Andreia; FIGUEIREDO, Sofia (2018) – The 'op-down' representation of plate 130 of Castelinho (Trás-os-Montes, Portugal: from creation to condemnation in the transition of the period, In FONTES; Luís, CRUZ, Gonçalo; ALVES, Mafalda, orgs. – *Cultural Interactions and Changing Landscapes in Europe (2nd century BC/2nd century AD)*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 148-150.
- SILVA, Celso Tavares da (1980) – As Gravuras Rupestres de Lufinha: Dois Motivos Labirínticos na Região de Viseu. In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento (Revista de Guimarães; vol. II), pp. 155-173.
- SOBRINO BUHÍGAS, Ramón (2020) – *Corpus dos petróglifos de galicia*. Cangas de Morrazo: Edicións Morgante.
- SORETO, Carlos (2003) – Portuguese Mosaic Labyrinths. *Caerdroia*. Essex. 33, pp. 33-39.
- SORETO, Carlos (2008) – Two Unusual Labyrinthine Forms in Iberian Rock Art *Caerdroia*. Essex. 38, pp. 26-28.
- VÁZQUEZ MARTÍNEZ, Alia (2015) – Los petróglifos galaicos: una revisión sobre la distribución espacial. In COLLADO GIRALDO, Hipolito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. – *Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. Tomar: Instituto Terra e Memória (ARKEOS; 37), pp. 841-846.

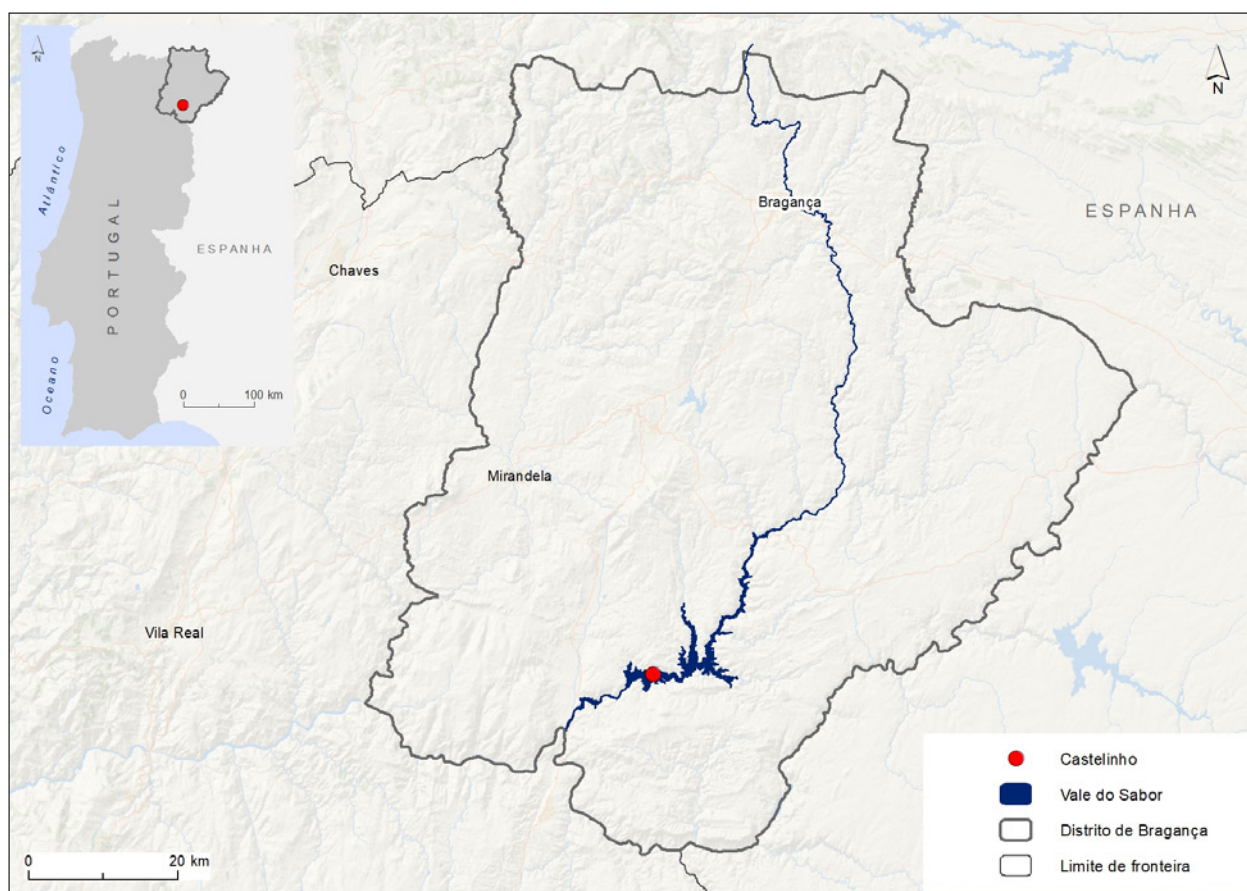


Figura 1 – Localização do sítio do Castelinho em Portugal e na área da albufeira da Barragem do Baixo Sabor. Ana Rita Ferreira.

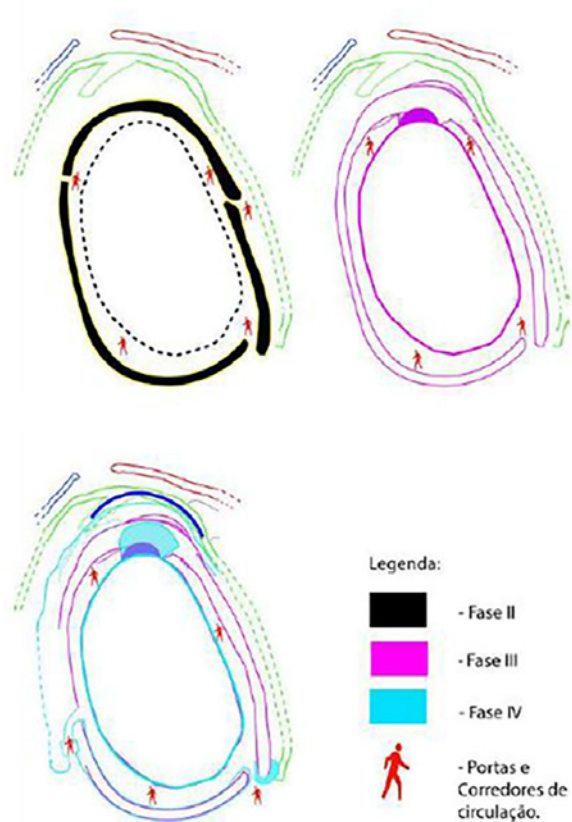


Figura 2 – Evolução do perímetro muralhado do Castelinho.

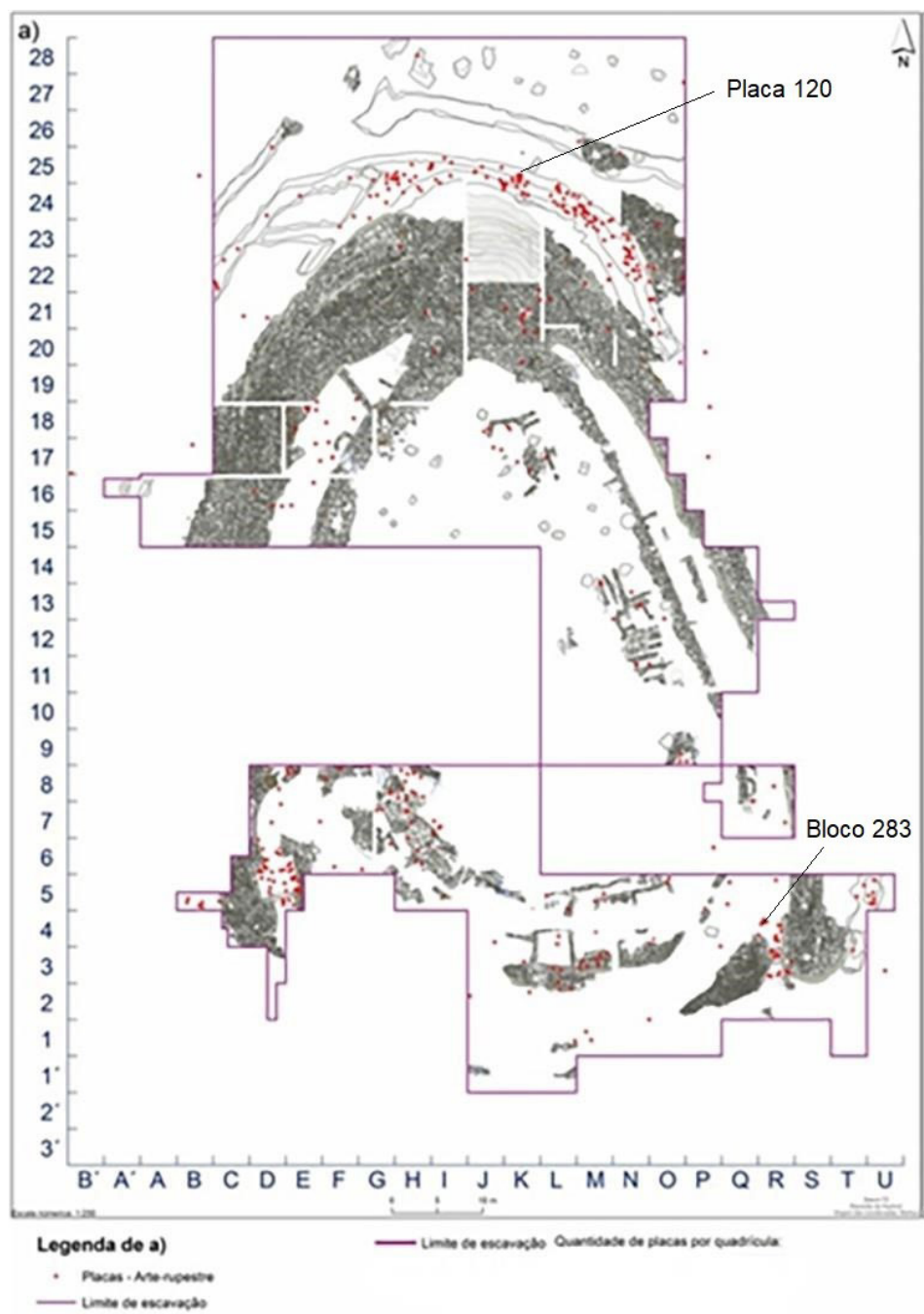


Figura 3 – Localização da placa 120 e do bloco 283 na área escavada do Castelhinho.



Figura 4 – Decalque direto sobre plástico polivinil da placa 16+17. Sofia Figueiredo-Persson (cord.).



Figura 5 – Registo fotográfico da placa 16+17. Adriano Ferreira Borges.



Figura 6 – Decalque direto sobre plástico polivinil da placa 120. Sofia Figueiredo-Persson (cord.).



Figura 7 – Registo fotográfico da placa 120. Adriano Ferreira Borges.

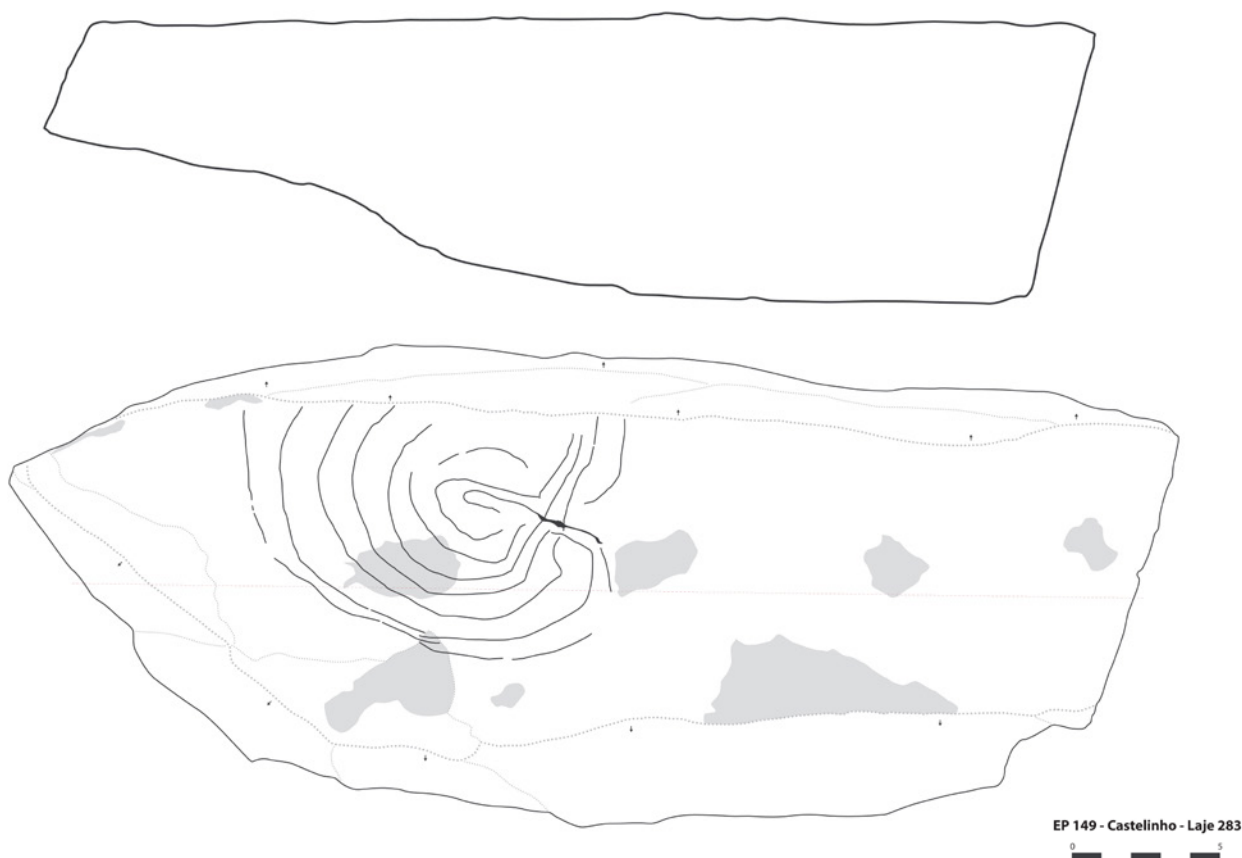


Figura 8 – Decalque direto sobre plástico polivinil do bloco 283. Sofia Figueiredo-Persson (cord.).

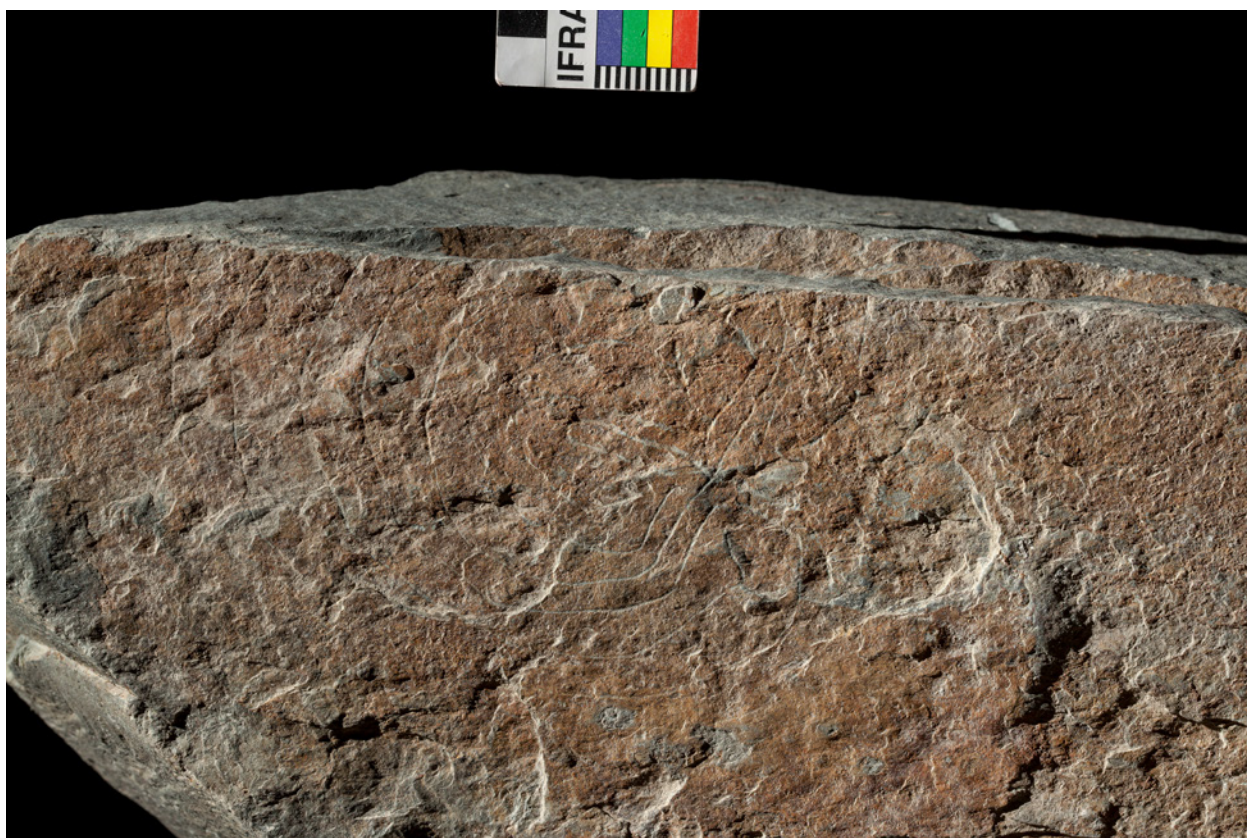


Figura 9 – Registro fotográfico do bloco 283. Adriano Ferreira Borges.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UIC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**